

## HISTÓRIAS DE MULHERES QUE SE TORNARAM PROFESSORAS EM PELOTAS, A PARTIR DAS DÉCADAS DE 1950 E 1960

CAMILLA MENEGUEL ARENHART<sup>1</sup>; LORENA ALMEIDA GILL<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – cmarenhart@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – lorenaalmeidagill@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O trabalho consiste na apresentação da pesquisa desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UFPel, que aborda a história de vida de mulheres professoras que adentraram na carreira do magistério primário, nas décadas de 1950 e 1960, na cidade de Pelotas. O objetivo principal do estudo é construir narrativas históricas, que permitam verificar quais as representações das mulheres professoras para o período, perceber como elas próprias se constituíram enquanto trabalhadoras do magistério e qual o significado da profissão na vida dessas mulheres. A pesquisa se vincula à chamada História das Mulheres, a partir de suas experiências relacionadas às carreiras laborais. Mulheres estas que, em geral, representaram a primeira geração de mulheres em suas famílias a ter uma profissão.

A partir da leitura dos autores Lawn (2001), Louro (1997), Növoa (1991) e Tambara (1998), sabe-se que a profissão do magistério primário passou por um processo de construção histórica singular, desde meados do século XIX até o mesmo período do XX, que a transformou em uma profissão feminina, a partir de um conjunto de discursos sobre a feminilidade e sua importância social. Além disso, enquanto era feminizada e feminilizada, também a profissão foi passando a um maior controle estatal associado à constante desvalorização econômica, além de o locus de atuação - a escola - ser atravessada por interesses diversos, que convergem no objetivo de manter as identidades profissionais reguladas, neutras e servis. Esse é o estatuto da profissão, a partir do qual os mais variados discursos vão incentivar a entrada das mulheres na profissão.

A atuação de professora interessa pelo fato de ter sido uma das primeiras carreiras mais procuradas pelas moças da época, em função também do cenário político nacional e estadual que passou a considerar importante a expansão do ensino primário e, com isso, a partir da década de 1930 até o início da década de 1960, ocorreu uma grande ampliação da rede escolar e, consequentemente das vagas profissionais, inserindo, em sua maioria, as mulheres nessa fatia do mercado de trabalho (LOUZADA, 2018).

A mulher, como sujeito histórico, é analisada a partir dos conceitos de gênero e patriarcado. Examina-se a imagem hegemônica de mulher para o período em questão, as múltiplas causas dessa configuração e as outras formas de apropriação e representação que possam emergir. Conforme Scott (1994), as características heterogêneas das categorias feminino e masculino são escondidas pelas noções de oposições fixas que, na verdade, não existem porque as identidades são fenômenos variáveis. As sociedades são organizadas, então, a partir da normatividade de gênero, que é um conjunto de regras de condicionamento social construídas sobre o sexo biológico feminino e masculino. A partir dessa perspectiva adota-se a formulação de gênero de Joan Scott (2008), como categoria de análise histórica, compreendendo-o como um elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre os sexos e, ao mesmo tempo, como o primeiro lugar de relação



simbólica de poder. Conforme defendido por Saffioti (2004), patriarcado é um caso específico de relação de gênero, pois refere-se diretamente às relações hierárquicas e desiguais entre os homens e as mulheres. Como regime de dominação e exploração das mulheres pelos homens, o conceito de patriarcado atual, ou seja, presente nas sociedades urbano-industriais, relativamente recentes, é compreendido como um sistema hierárquico com predomínio do poder masculino, não mais tendo como centro do poder a figura do pai sobre a família patriarcal de outrora, mas o poder do homem/marido, como titular do direito sexual (SAFFIOTI, 2004).

## 2. METODOLOGIA

Utiliza-se a metodologia da história oral, na modalidade da história temática, a partir da qual a profissão de professora primária é o fio condutor da investigação. Com um roteiro semi-estruturado, com questões que perpassam toda a trajetória de vida da colaboradora, busca-se compreender os caminhos que a levaram a tal atividade laboral e as diversas experiências enquanto mulher atuante no espaço público e exercendo uma profissão remunerada. Concebe-se a história oral como um caminho para se chegar às interações com as subjetividades e as identidades das mulheres. Construir fontes orais, neste trabalho, significa dar visibilidade às subjetividades femininas, ou seja, quer-se compreender os significados das experiências nas vidas de cada mulher, os sentimentos, as percepções e as construções de sentido em suas trajetórias. Concorda-se com Thompson (1992, p. 138, grifos do autor), que “se as fontes orais podem de fato transmitir informação ‘fidedigna’, tratá-las simplesmente como um documento a mais é ignorar o valor extraordinário que possuem como testemunho subjetivo, falado”. Thompson (1992) chama atenção para a riqueza de possibilidades de análise que o caráter subjetivo da fonte oral possibilita, vendo-a como a ampliação dos ganhos na pesquisa.

Portelli (1997), discutindo a questão da subjetividade nas fontes orais, orienta que a objetividade científica se garante no trabalho de interpretação realizado pelo pesquisador, devendo este não apenas registrar informações, mas apresentar os significados, não tendo a obrigação de concordar com as falas de seus entrevistados, mas a responsabilidade de apresentar um “texto dialógico, de múltiplas vozes e múltiplas interpretações: as muitas interpretações dos entrevistados, nossas interpretações e as interpretações dos leitores” (PORTELLI, 1997, p. 27).

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistadas oito mulheres idosas, com idade entre 77 e 88 anos. Sete delas brancas e uma mulher negra. Para este trabalho, será apresentada a análise parcial da narrativa de Roberta, mulher branca e uma das colaboradoras da pesquisa.

Roberta nasceu no interior de Pelotas, na Colônia Santo Antônio, em 1937. Ela é a quarta filha de pequenos agricultores, descendentes de alemães. O pai complementava o sustento da família com o salário de professor, atividade que exercia na escola da comunidade onde moravam, junto à igreja local.

Aprendeu com a mãe que “a mulher tinha que ser submissa ao marido. Que tinha que ser uma boa dona de casa, uma boa mãe, boa trabalhadora. Atuar em todos os serviços”. Roberta e a irmã também trabalhavam na lavoura. Desde pequenas, já cortavam pastos para os animais junto com os irmãos. E, depois, ajudavam a conservar a casa. Além da irmã mais velha, Roberta teve três irmãos homens. Sua irmã sonhava em ser enfermeira e trabalhar em hospital, mas não foi possível porque a sua ajuda era imprescindível em casa.



Roberta estudou até a quinta série do ensino primário na escolinha da comunidade, onde o pai atuava. Depois, passou a ajudar o pai na atividade de professor, como uma professora auxiliar, cuidando das lições e das leituras dos alunos. Esta experiência e o fato de ter acompanhado o empenho do pai nos estudos para adentrar na carreira do magistério municipal fizeram despertar seu interesse e consolidar o sonho de ser professora. Já adulta, estudou com professor particular para realizar provas de admissão ao magistério municipal. Primeiramente, foi contratada e prosseguiu estudando e realizando novas avaliações oferecidas pela secretaria municipal de educação, até ser efetivada. Assim que contratada, continuou trabalhando com o pai por alguns anos até que este se aposentou e, então, ela assumiu a escola como professora e regente (equivalente ao cargo de direção atual). Mudou de escola algumas vezes, mas manteve-se durante toda a carreira profissional na zona rural e em quase todo o período exerceu as duas funções, de professora e regente. No início, também desempenhava as funções de secretária escolar e merendeira. Para tanto, passou a trabalhar dois turnos.

Poucos anos após o início da carreira no magistério, Roberta realizou outro sonho, o de casar e formar a sua família. Neste aspecto, Roberta seguiu o destino feminino previsto pela normatividade de gênero da época – o casamento, a maternidade e a dedicação aos cuidados do lar. Teve três filhos, dois homens e uma mulher. Então, passou a conciliar as funções de professora, esposa, dona de casa e mãe ao longo de quase toda a vida. Ensinou a todos os filhos as lidas domésticas e à noite dedicava-se aos planejamentos das atividades pedagógicas. O salário de Roberta foi muito importante para dar qualidade de vida à família, pois sem ele teriam apenas o necessário para sobreviver, basicamente a alimentação. Mesmo sua profissão tendo grande importância em termos de sustento para a família, todo o trabalho doméstico recaía sobre sua responsabilidade.

Na família de Roberta, as duas filhas tiveram de trabalhar desde pequenas auxiliando em trabalhos dentro e fora de casa. A irmã de Roberta, por ser a mais velha, teve de abrir mão de seus desejos pessoais para estar a serviço da família. Roberta teve a sorte de ser levada pelo pai que, precisando contar com sua ajuda, possibilitou a que ela viesse a ter uma vida profissional, além das funções de esposa e mãe, que eram pensadas como o seu destino. Ela poderia ter deixado de trabalhar na escola assim que casou ou quando teve os filhos, como era de costume, mas buscou a realização pessoal e maior qualidade de vida para si e seus filhos, através da sua profissão.

Assim como a narrativa de Roberta, a fase inicial de socialização das mulheres entrevistadas ocorreu em um contexto cultural de bastante rigidez dos papéis sexuais, em que os comportamentos e as ações dos indivíduos eram demarcadas pelas construções de gênero feminino e masculino. Suas mães as ensinaram o lugar social que deveriam ocupar enquanto mulheres, reproduzindo os valores e as regras da normatividade de gênero. Assim foram educadas para a doação, submissão e adaptação. Embora tendo sido condicionadas ao modelo feminino vigente, sem incentivo a buscar experiências inovadoras, elas deram respostas diferentes a tal situação, cada uma a seu modo. Elas não se limitaram a seguir estritamente o que estava estipulado e enriqueceram suas trajetórias, principalmente, por meio da prática profissional do magistério.

#### 4. CONCLUSÕES

As narrativas demonstram que havia um ordenamento bastante rígido em delimitar os papéis sociais femininos no período, entre seus nascimentos e a entrada



na carreira profissional, nas décadas de 1930 a 1950, levando a maioria das mulheres ao caminho do casamento e maternidade e ficando a questão profissional em segundo plano. As trajetórias destas mulheres mostraram que os condicionantes sociais e culturais delimitaram, até certo ponto, suas percepções e ações, mas que houve possibilidades de experimentar outros caminhos, através dos quais se apresentam novas realidades até então pouco pensadas.

A história oral tem sido uma importante metodologia de pesquisa que, durante o período de distanciamento social, em decorrência da pandemia de Covid-19, mostrou-se um desafio e, ao mesmo tempo, um poderoso canal de diálogo. O desafio inerente a esta pesquisa foi a pouca familiaridade da rede de mulheres idosas com as tecnologias digitais, que possibilitam esse tipo de comunicação a distância. Contudo, provou-se possível a realização dos diálogos entre a historiadora e as colaboradoras. Tendo sido motivadas e sensibilizadas, as mulheres demonstraram grande interesse e prazer em contar as suas histórias de vida. Envolveram-se de modo intenso, não só respondendo às perguntas feitas como contando muitos outros fatos marcantes, experiências e trajetórias, as quais expressaram seus pensamentos, opiniões e sentimentos. Também, nesse momento de isolamento, as entrevistas e os contatos que se manteve têm sido para as colaboradoras uma forma de interação social, de receber e dar carinho, de sentirem-se vivas, importantes e estimuladas a responder de modo mais positivo frente à difícil situação atual.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LAWN, Martin. Os professores e a fabricação de identidades. **Currículo sem Fronteiras**, v.1, n.2, pp. 117-130, Jul/Dez 2001. In: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4064110/mod\\_resource/content/1/Texto%20Lawn.pdf#:~:text=A%20identidade%20do%20professor%20tem,um%20sinal%20da%20sua%20reestrutura%C3%A7%C3%A3o](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4064110/mod_resource/content/1/Texto%20Lawn.pdf#:~:text=A%20identidade%20do%20professor%20tem,um%20sinal%20da%20sua%20reestrutura%C3%A7%C3%A3o)
- LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação:** Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LOUZADA, Maria Cristina. **Memórias e trajetórias de egressas das Escolas Normais Assis Brasil e São José em Pelotas/RS, no período do governo de Leonel Brizola (1959-1963).** Pelotas, 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, 2018.
- NÓVOA, António. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, António (Org). **Profissão professor.** 2. ed. Portugal: Porto Editora, 1991.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: **Projeto História**, nº 15. São Paulo, PUC, 1997, p. 13-50. In: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215>
- SAFFIOTTI, Helelith Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SCOTT, J.W. Prefácio a Gender and Politics of History. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n.3, p. 11-27, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1721>
- SCOTT, Joan. **El Género:** una categoría útil para el análisis histórico. In: Género e historia. México: FCE, Universidad Autónoma de la Ciudad de México, 2008.
- TAMBARA, Elomar. Profissionalização, escola normal, feminilização: Magistério sul-rio-grandense de instrução pública no século XIX. **História da Educação.** ASPHE/Fae/UFPel, Pelotas (3): 35 – 57, abr, 1998.
- THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado:** história oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.